

**ANTROPOCENO OU CAPITALOCENO?****A SOCIEDADE NA TRAMA DA VIDA / A TRAMA DA VIDA NA SOCIEDADE <sup>1</sup>***ANTHROPOCENE OR CAPITALOCENE?**SOCIETY IN THE FABRIC OF LIFE / THE FABRIC OF LIFE IN SOCIETY* Carlos Walter Porto-Gonçalves <sup>A</sup>

<sup>A</sup> Professor aposentado da Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil.

DOI: 10.12957/tamoios.2024.85875

Obrigado Paulinho, e obrigado aos professores do programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. É uma grande satisfação estar aqui pelas profundas implicações que a gente tem com esse programa, com os professores que aí trabalham. Além dos diversos alunos nossos também, que passaram pela UFF e hoje frequentam este programa que atrai gente de todo Brasil. É um programa que vem crescendo, e que agora comemora dez anos. Então, quero dizer que é uma enorme satisfação e alegria estar conversando com os colegas e os pós-graduandos, além do público geral que vem nos assistir. E para trabalhar um tema de enorme relevância, em relação ao debate contemporâneo, a respeito de temas que nos interessam muito de perto.

Então, o título que foi sugerido é na verdade inspirado, um pouco em um conceito que foi proposto, de uma maneira mais ampla, agora nos anos 2000, por um químico holandês de nome Paul Crutzen: o conceito de Antropoceno. Esse conceito chama atenção de como a espécie humana teria se transformado em um agente geológico, a ponto de se batizar uma nova era geológica, com esse nome. Quer dizer, a gente teria um período o Holoceno, o período em que nós estaríamos vivendo e então um outro período, outra era geológica que seria marcada pelos profundos registros de artefatos, que são frutos da ação humana, como parte ou como se fosse parte de um agente geológico. E daí ter chamado, então, dessa espécie de Antropoceno, que nos abre um debate interessante e importante, exatamente sobre essa relação entre a sociedade e a natureza. Que é a sociedade na trama da vida e a trama da vida na sociedade. Então, em torno dessas questões e das implicâncias que isso tem, vamos conversar um pouco aqui hoje.

Eu tenho ultimamente, em quase todo convite que recebo para conversar, partido de um verso do poeta português Luiz de Camões, um verso que todo mundo conhece de alguma forma e talvez não associem a expressão ao Camões, quando ele dizia que “estamos navegando em mares nunca dantes navegados”. Se considerarmos que Camões viveu naquele período do renascimento, um período onde Portugal “descobriu” novos horizontes e novo mares, podemos entender, exatamente, o que empiricamente Camões estava querendo se referir.





Eu tomo esse verso para esta conversa em um sentido metafórico. Nós estamos vivendo hoje no mundo um momento de tamanhas e múltiplas transformações em diversas ordens, um acelerado processo de transição. Essa guerra que está se passando na Ucrânia, é uma guerra, na verdade, entre duas potências nucleares, o que por si só, deveria nos preocupar. Afinal de contas, a gente sempre acha que as pessoas vão ter em algum momento bom senso. Mas a gente não deve esquecer que a bomba atômica já foi usada, e foi usada exatamente pelos Estados Unidos ao final da Segunda Guerra Mundial, quando vários autores apontam que na verdade não seria necessário, pois o Japão já estava completamente derrotado militarmente. Mas a bomba foi lançada, e desde aquele período até hoje, a potência nuclear das bombas atômicas só aumentou, o que significa dizer que não é um período histórico qualquer.

A história sempre falou de períodos históricos que se sucedem uns aos outros. Mas talvez, estejamos vivendo um período histórico que talvez não tenha ninguém para contar a história depois. Na verdade, isso é uma coisa que a gente adere hoje com muito mais clareza, que a natureza vai continuar existindo, embora nós, uma das espécies que dela faz parte, pode deixar de existir. Assim como as diversas formas de vida não humana podem deixar de existir diante de um evento nuclear.

Isso significa dizer que é um período histórico muito especial que nós vivemos. E, sobretudo, coloca em questão pensarmos que a bomba atômica e todo o arsenal nuclear, é na verdade um produto de um conhecimento cientificamente elaborado. Isso nos coloca questões de ordem filosófica e política profundas, que na verdade sempre tomamos como parte do ideário e do imaginário da ideologia desse chamado mundo moderno. O papel da ciência e seus derivados enquanto técnicas e tecnologias nos processos de transformação e de emancipação humana. Agora, a gente vê que a ciência não necessariamente está a serviço da vida. Na medida que você produz um artefato que coloca em risco as formas de vidas conhecidas, e é um produto da ciência, a gente começa a ter mais clareza. E eu sei que estamos diante de estudantes que estão produzindo teses e dissertações conscientes que o conhecimento nem sempre está a serviço da emancipação humana e da vida. Se assim fosse, não se produziria um artefato dessa ordem. Por isso, dizemos que a ciência de estar a serviço do poder.

Isso não é qualquer coisa, e a gente não está vivendo um momento qualquer. Você sabe que logo depois da Segunda Guerra Mundial, alguns cientistas que haviam participado do chamado projeto Manhattan - que levou à construção da bomba - perceberam o monstro que eles estavam contribuindo para produzir. Eles, logo depois de 1947, criaram uma espécie de um comitê para todo ano fazer um balanço do que a humanidade está vivendo. De outros perigos e dos riscos que a humanidade passa a ter com o domínio deste artefato nuclear, que dá um poder a quem detém o domínio disso. Inclusive, nessa informação preliminar que eu trouxe, em função da expressão antropoceno, que é do químico holandês Crutzen, quando ele falava exatamente da presença de artefatos, que são fruto da construção humana, vários desses registros são de radioatividade, derivados de usos dessa energia nuclear, que já fazem parte dos depósitos produzidos pela sociedade, e que, ao mesmo tempo, fazem parte da natureza.

Então, essa frase do Camões de que estamos navegando por mares nunca dantes navegados é uma referência aqui, de que nós estamos vivendo hoje, um momento de tamanhas transformações, que alguns autores vão falar que estamos vivendo um momento de caos sistêmico? E um caos que não seria só, como alguns de nós já vimos em função de certa tradição teórica crítica derivada da tradição marxista, por exemplo, que chamamos a atenção para crises de superprodução, de superacumulação, e tendência de queda da taxa de lucro, que é derivada do desenvolvimento do capitalismo. Mas alguns autores vêm chamando a atenção que seria mais do que uma crise do capitalismo, seria uma crise de caráter civilizatório, o que coloca



desafios enormes para reflexão. E eu queria trazer isso para nossa conversa, junto aos estudantes do programa, que vão produzir daqui a pouco uma dissertação e uma tese, que vão ter um grau de originalidade, para ter ideia de que mundo a gente está fazendo parte, que é de um momento de transição, mas transição em direção ao quê?

Então, esse é o primeiro ponto que a gente queria chamar a atenção, e ao mesmo tempo, onde nós, como os seres humanos, que produzimos, construímos a sociedade, que nós somos parte desse processo de transformação da natureza. E a gente vai problematizar esse conceito, e é muito importante tomar isso em conta, para as implicações que o conceito de antropoceno traz, e que talvez, silencie sobre determinadas questões, que valem a gente problematizar. Essa é um pouco da razão de ser dessa conversa, nessa aula, nesse momento de comemoração desses 10 anos do Programa de Pós-Graduação de Geografia da UERJ.

Eu queria, ao mesmo tempo, inspirado nesses versos do Camões, que a gente pense que está vendo um mundo de intensas transformações. Estamos vivendo em um mundo de um mar tão complexo, que a gente não teria ainda navegado nesse mar. E aí, eu queria trazer da metáfora do Camões, exatamente isso. Quando você está navegando em mares que nunca foram navegados, cabe a pergunta, para que que servem os mapas? Os mapas servem para que? Para te orientar no mar que você está navegando, no lugar que você está navegando. Se você está navegando em um mar que nunca foi navegado, para que servem os mapas? Substituamos o mapa pelo conjunto de teorias e de saberes que nos detemos, para uma forma de nos movimentar no mundo. Ou seja, esses mapas cognitivos que são as teorias. Se você está vivendo em mares que nunca foram navegados, para que servem essas teorias? Essas teorias que nós temos, essas teorias e esses conceitos, diante de um mundo que nunca foi navegado, que tamanha são as transformações que estaria em caos sistêmico?

Então isso me parece muito importante, porque talvez estejam desafiando os nossos próprios arcabouços teóricos conceituais, para dar conta da complexidade do mundo em que a gente está vivendo. Então, como se fosse necessário, a gente refinar não só dominando. E isso é uma tarefa que todo mundo vai fazer: em um trabalho de pesquisa ou uma investigação, é necessário dominar o acervo, o patrimônio de conhecimento, que de alguma forma, a humanidade já construiu. Dominar o máximo de conhecimento, e ao mesmo tempo, perceber as limitações desse conhecimento, já que nós estaríamos vivendo em um tempo, em um momento, em um espaço-tempo, onde as transformações são de tal ordem que a gente na verdade não consegue dar conta. Que exigiria uma enorme ousadia intelectual, ousadia teórico política, para dar conta desse momento em que a gente está vivendo. O que não é qualquer coisa, diante dos impasses que a gente se defronta, do qual a gente consegue até diagnosticar os problemas, mas não consegue saber como superá-los. Estamos diante de desafios que são enormes, e nisso, coloco também limitações de ordem cognitiva. Essas considerações fazem parte de uma primeira questão, que não é uma questão qualquer.

E, ao mesmo tempo, tem um outro poeta português, que é o Fernando Pessoa, que também tem um verso que nos interessa muito de perto, não só pela nossa condição de geógrafos, que é quando ele diz que: minha pátria é minha língua. Isso me parece uma ideia extremamente interessante, porque na verdade, o aprendizado da linguagem é a forma como naturalmente nós nos apropriamos dos conhecimentos das gerações anteriores. Quando a gente começa a falar e dar nome às coisas e repetir, estamos nos apropriando de um conjunto de significações que dependendo de onde nós nascemos, da pátria onde nós nascemos, com a sua língua que nós vamos naturalmente aprendendo uma coisa que é, ao mesmo tempo, natural e social.



Se você nasce entre os Yanomamis, você possivelmente terá um aparato cognitivo herdado pela língua. A língua é o acervo de conhecimento de um povo, que você aprende naturalmente, independentemente de escola, que são conhecimentos passados pela comunidade. E então, porque a minha pátria é a minha língua, e a língua te dá um conjunto de significações, que você vai aprendendo e você vai fixando. Isso tem o poder enorme de condicionar nossos modos de ver, sentir e de agir. Por exemplo, se nós nascêssemos entre determinados povos da Amazônia, que não tem pronome possessivo como “meu” e “teu”, que não existem, muda completamente a tua relação com o mundo comum, porque não tem nada como uma posse. Ou seja, o capitalismo jamais se desenvolveria, entre esses povos, com a sua ideia de apropriação, de acumulação. Ou seja, isso vem do acervo de conhecimento que o povo vai acumulando. E a gente se apropria disso, olha só, olha a ambiguidade da expressão: naturalmente.

Ao mesmo tempo que a língua é uma construção histórica, nós também aprendemos naturalmente, e incorporamos um conjunto de saberes que são derivados de uma geração para outra através da linguagem. E essa linguagem fixa nossos modos de ver, sentir e de agir. Ou seja, é como se fosse a prisão de significações a partir do qual a gente transgredir, como é da própria natureza humana. Mas é preciso ver o peso dessa tradição, dessa herança de conhecimento que nós recebemos de maneira natural. A gente vai aprendendo mamãe e papai, vai formulando frases: “quero água”. E isso tudo vem impregnado de conhecimento que vem através da língua. O Brasil é um país que tem cerca de 274 línguas que se falam no território? Você imagina: são 274 modos de significar um mundo de conhecimento, o mundo que é uma riqueza, um patrimônio, que a gente sabe, inclusive, as implicações que isso tem pro devir da humanidade.

Ou seja, a humanidade construiu ao longo da história um mundo amplo de significados. Tem alguns filmes muito interessantes para assistir, eu recomendo que vocês assistam: Baraka<sup>3</sup>, que é só imagem e som, que te dá um pouco esse horizonte de povos de sensibilidades humanas diferenciadas. Estes construíram o patrimônio, que eu vou usar no plural, de humanidades, das diferentes formas de ser humano. Porque já nos chama atenção para uma série de conceitos que a gente vai recebendo naturalmente, e que depois, se consagram cientificamente, e algumas palavras dessas se transformam em conceitos rigorosos que nos condicionam: nossas formas de pensar, de saber, de situar e contextualizar esses conhecimentos que vão se consolidando, como ideologias que vão fixando formas de ver, que muitas vezes te impedem de ver outras coisas

Então, não só a gente está dentro de uma sociedade que instaura relações que são contraditórias, mas também instaura uma língua que vai criando significações. Muitas vezes você está usando uma língua para um determinado grupo social, que na verdade recebe um conjunto de informações codificadas por ela, influenciada por grupos que são aqueles dominantes de nossa sociedade. Estes que constituem uma ordem de significações que vem pela linguagem.

Eu estou chamando atenção para isso, porque isso vai acontecer muito no meio científico. Por exemplo, nós somos prisioneiros, e isso interessa diretamente ao tema dessa conversa, por exemplo, como essas expressões: homens de um lado e natureza de outro, homem-natureza, sociedade-natureza. Esses pares dicotômicos vão marcar profundamente a forma como está instituído na Universidade o próprio conhecimento. Você tem ciências naturais de um lado e ciências humanas de outro lado. E vem essa derivação de uma concepção, que é relativamente recente na história da humanidade, constituída a partir da Europa. Mas, sobretudo, a partir do Renascimento com René Descartes, que viveu no século XVI, e Francis Bacon e outros autores, que vão construir a ideia do Descartes.



Essa separação, essa dicotomia, que separa homem e natureza, no caso da Geografia, vai mergulhar internamente e trazer uma dicotomia terrível entre a gente: é a Geografia Física de um lado, e a Geografia Humana de outro. Mas se a gente for ver, isso também é uma forma que foi traduzida em termos acadêmicos e científicos, de uma concepção de natureza e sociedade, natureza de um lado e homem de outro. Isso está inscrito na própria sociedade, como as pessoas normalmente entendem natureza e sociedade. Por exemplo, o homem é aquilo que não é natureza nessa concepção, o que é um absurdo, porque somos seres biológicos. Apesar de produzir cultura, você produz cultura a partir de um aparato sensorio cognitivo que é o teu corpo, que se não tiver comido e bem alimentado sequer pensa.

Nós somos um ser simbólico, isso tem uma linguagem que vai se constituir, e que de alguma forma, já existe na própria natureza e que o homem na verdade desenvolve isso com uma certa complexidade. E que vai muitas vezes criar o mundo da significação, que muitas vezes se dissocia do mundo da materialidade, do mundo mundano. Eu costumo dizer que a palavra água, enquanto palavra, não mata a sede de ninguém. Você pode pegar a palavra água, escrever em um pedaço de papel e encher o copo com a palavra água que ela não vai matar a sede de ninguém. Mas ao mesmo tempo, se não tiver a água para beber, você não tem vida, e não escreve a palavra água.

Então existe na verdade uma dimensão profundamente condicionante do nosso ser vivo, que é a materialidade do mundo. Mas ao mesmo tempo, nós existimos através da representação, que pode criar um mundo de representação que é o idealismo. Mas, é uma ideia de subjetivismos, e vai achar que o mundo é só o mundo das significações. Então, nós temos essa separação de natureza e sociedade que condiciona nossas práticas, e vai criar aquilo que alguns chamam de antropocentrismo, que inclusive, várias interpretações da bíblia, embora alguns discordem dessa interpretação, muito afirmam que Deus teria criado o homem a sua imagem e semelhança, como se o resto da natureza não fosse a imagem e semelhança desse ser superior, e que na verdade este seria o Senhor da natureza. Ou seja, a natureza existiria para estar a serviço do homem. Essa é uma forma de afirmar uma espécie de antropocentrismo. E isso vai levar uma ideia e marcar profundamente uma arrogância que se o homem não é natureza, se você está separado, então a natureza é um objeto. E uma coisa que não tem vida própria. Então essa dimensão antropocêntrica, vai ser uma dimensão profunda da sociedade moderna e do Renascimento.

Mas eu tenho chamado a atenção, e inclusive é uma questão que eu gostaria de deixar muito bem fincada nessa reflexão, que de alguma forma está distribuída e dispersa em uma produção minha que dialoga com esse tema há mais de 40 anos, que na verdade a gente está vivendo hoje uma crise desse paradigma antropocêntrico. A gente estaria vivendo uma crise paradigmática de crise do conhecimento, mas eu sempre chamo atenção para um aspecto que me parece muito importante. O paradigma em que a gente está, que existe, que está instituído, institucionalizado nas universidades, nas instituições, no Ministério da Agricultura separado do Ministério da Cultura, como se fosse possível estar separado do Ministério da Economia. Ou seja, essas coisas que aparecem tanto nas universidades como nas instituições. Esse paradigma está instituído nas instituições, às vezes, as pessoas se esquecem que as instituições foram instituídas. Então, tem um processo instituinte.

Assim, quando a gente começa a criar um certo impasse, você constata a crise de paradigma, a crise do conhecimento, a tal crise que eu chamei a atenção dos mares que nós estamos navegando, e que nosso repertório é cognitivo parece que não dá conta, que está em crise. A gente constata a crise de conhecimento, mas não identifica, ao mesmo tempo, que esse conhecimento foi instituído por um determinado processo social histórico, por grupos sociais





determinados, que instituíram essas instituições. Como é que transformamos as instituições que estão instituídas, sem ignorar os processos que as instituíram? E os grupos sociais que as instituíram? Ou seja, a relação entre a episteme e o conhecimento no mundo mundano, em que surgiram essas instituições e não outras. Essas instituições se impuseram, e na verdade, colonizaram o mundo com essas instituições. E digamos, não foram instituídas só naturalmente. A gente sabe com que violência se deu a invasão da América, e com que violência se deu o controle do território africano.

Enfim, como a violência colonial impôs essas formas de conhecimento como se fossem superiores. Se a gente ignorar, primeiro, a riqueza dessas populações, riqueza de conhecimento, conhecimento que é uma coisa que está sempre inscrito na vida. Para entender isso o Caetano Veloso tem um verso de um dos seus poemas musicados, que diz que a sua presença entra pelos sete buracos da minha cabeça – orelhas, olhos, narinas, boca – e o que ele está querendo dizer com isso? Isso significa que todos os seres vivos têm buracos, eles só existem pelas relações que estabelecem. Então isso vai constituindo uma teia, uma trama de relações em torno dos quais surgem sociedades. A sociedade surge da trama da vida, porque todo o ser vivo tem buracos, são incompletos. Nós existimos pelas relações que estabelecemos.

Mas a gente tem uma ideia de um antropocentrismo que vai dominar a natureza, como se fossemos separados. Isso vai colonizar as universidades, se estabelecer nas universidades de países centrais e das universidades de países colonizados. E vão incorporar essas tradições, ignorando as tradições de conhecimento que estão postas na sociedade como um todo.

Sobre essa dimensão da dominação da natureza, é preciso a gente entender, logo de cara, que a separação do homem e da natureza, não foi só uma questão epistêmica, uma questão cognitiva, mas também não podemos ignorar essa dimensão epistemológica e cognitiva de uma crise de conhecimento que foi instituída por essa separação. É preciso ver também que essa sociedade começa a se conformar a partir do Renascimento europeu, e a partir do sistema mundo que começa a se constituir desde então. Esse é o momento em que vai se dar, de modo paulatino e intensificado, a expulsão dos camponeses, dos direitos de povos que tinham uma relação com a natureza. As populações que vão ser expulsas das suas terras, com processo um expropriatório violento. E esses homens vão ficar desprovidos de natureza, esses expulsos. Então, como é que esses homens que foram expulsos da natureza, como é que eles vão se relacionar com a natureza? Se eles foram expulsos, e que é que é a natureza? O conjunto de condições metabólicas de reprodução da vida. Como é que eu posso viver, se eu fui expulso dessas condições? Se eu fui expropriado dessas condições?

Vocês começam a perceber que a separação homem natureza, não é só uma questão epistemológica, como se dá no curso de Geografia. Tem uma sociedade que separou materialmente vários homens da natureza. E institui uma ideia de propriedade privada, que consagrou a ideia de propriedade privada de maneira muito profunda. E propriedade privada visando a acumulação de capital. Olha só, quantas questões importantes estão aí que as pessoas às vezes esquecem: a propriedade privada, priva muitos de propriedade. Esse período instaura uma sociedade que tem aqueles que são proprietários e senhores da natureza. Então, não posso falar da dominação da natureza sem falar da dominação de classes, da classe proprietária. Porque os expropriados serão considerados também objetos, sob controle daqueles proprietários. Então, o próprio homem, aquele expropriado, vira o objeto de controle, por parte daqueles que, ao mesmo tempo que tem a terra, sabem que a terra para ser trabalhada, precisa de trabalhador.

Assim, vejam a profundidade do que está implicado nessas considerações. Não é só uma crise epistêmica, mas é também uma crise epistêmica. E como eu vou resolver essa crise



epistêmica se eu não resolver o problema de base? De origem dessa crise? Essa separação homem natureza que foi uma separação concreta? Os homens são expropriados e ficam desprovidos das condições materiais de reprodução metabólica da sua vida. Então, eles ficam também ao sabor de ter que vender a sua força de trabalho. O trabalho deles só existe se for alienado. Ou seja, alienado no sentido estrito da palavra, se for vender a força de trabalho, não para aquilo que eu gostaria de fazer, mas para aquilo que mandam fazer.

Por isso eu vou dizer que o trabalho de superação das eventuais degradações e devastações é um processo, ao mesmo tempo, ambiental e social. Não se pode separá-los. Essas duas coisas vêm juntas. É uma sociedade que está estabelecendo uma outra forma de governar a própria natureza e o próprio trabalho. Não esqueçamos como nos alertou, Marx que o trabalho na verdade é uma força da natureza, que nós, como seres da natureza, possuímos também como seres humanos. Quanto à natureza, Marx vai criticar os seus companheiros que falavam que só o trabalho cria a riqueza, ele falava “o trabalho e a natureza criam riqueza”. E o próprio trabalho humano é uma força de trabalho que nós temos por sermos a natureza. O Marx foi muito mais avançado, até mesmo que muitos marxistas que têm dificuldade de entender o processo de trabalho como processo, ao mesmo tempo, metabólico. Quando começamos a falar das relações de trabalho a gente entra nas relações de produção, a gente começa a falar das relações sociais. E nos olvidamos que as relações sociais são feitas a partir de seres biológicos, que tem corpos que precisam comer para se manterem vivos, que precisam beber para se manterem vivos, precisam de energia, precisam de carbono, precisam de proteína e de calorías. E quando se controlam essas questões, se estabelecem ao mesmo tempo relações de classe.

Esse um desafio teórico fantástico que nós temos. Por exemplo, tem um conceito da física que é o conceito de energia, que é um conceito físico e químico ao mesmo tempo. Os físicos dizem que energia é a capacidade de realizar o trabalho. E o que é trabalho para os físicos? Trabalho é a capacidade que você tem de transformar matéria. No processo de trabalho você usa energia para realizar trabalho e o trabalho transforma a natureza. Isso, ao mesmo tempo é um processo físico e químico, que altera o metabolismo da vida, dependendo das relações sociais. Mas as relações sociais não podem ser entendidas fora da natureza. Ela faz parte da trama da vida e da trama da natureza e cria a sociedade. Você não vai compreender a tragédia que a gente está vivendo contemporaneamente, se não entender que essas questões vêm todas juntas.

Estamos vivendo uma crise paradigmática, que não é só paradigmática no sentido epistemológico, cognitivo, é de uma sociedade que separou o homem da terra. A terra que em seus processos de captação da energia da fotossíntese transforma energia química em vida, vida que vai se produzindo em profusão e diversidade. A gente está vivendo um momento de profunda erosão de diversidade biológica através das monoculturas. Porque a terra vai ser apropriada, enquanto propriedade privada, que privou os outros de propriedade. Então, como é que esses privados de propriedade privada vão exercer a dominação da natureza? Que é o que o antropocentrismo sugere?

A gente vai percebendo que a visão de tratar a natureza como coisa objetiva, que você domina fisicamente, joga fora um conjunto de tradições indígenas, camponesas, que quase sempre entendeu a natureza como povoada por Deuses. Aquele mundo que a gente chamaria de antropomorfismo e não antropocentrismo, ou seja, essa natureza que era povoada por deuses: Deus da Água, Deus do vento. E os deuses, tal como os mares, os ventos, as montanhas, é algo que nos transcende. Como é que eu vou dominar a natureza, se a natureza está povoada por deuses? Isso colocava alguns limites, são forças que existem que me transcendem. Enquanto esses deuses existem a gente precisa aprender a viver com eles, inventar formas culturais, e



essas foram inventadas por povos nativos. Afinal, quantos povos, quantas culturas, quantas línguas na história da humanidade, das humanidades, que foram inventando formas de significar o mundo, das mais variadas e permitiram que o planeta chegasse até nós, com uma certa densidade de vida, que proporciona que as nossas vidas possam existir, e que hoje, se coloca já com a transformação intensa, com riscos globais?

Então, veja o nível de complexidade que nós estamos implicados. Ao mesmo tempo, nós temos uma ciência que herdou uma ideia de um conhecimento que estaria a serviço da dominação da natureza. Mas essa dominação não é feita por todos os homens, aliás, é feita por homens e não por mulheres. Nós temos uma ciência profundamente patriarcal. Aliás o Francis Bacon, um dos grandes pensadores, do ponto de vista desse conhecimento que domina o mundo hoje, vai dizer que é o conhecimento masculino que vai exercer a dominação. Isso significa dizer que nós temos uma ciência da dominação, nós não temos uma ciência do cuidado. Seria outra ciência completamente diferente, e quantas ciências do cuidado e dos conhecimentos existem e existiram na história da humanidade, feita por todos os povos?

Talvez isso explique hoje, o presente que nós ganhamos, nós dos povos originários com uma região como a do cerrado, como a da Amazona. Como é que isso chegou até nós? Ou seja, essas regiões não são e não eram vazios demográficos? Eu tenho trabalhos em que demonstro isso, tem vários autores em que eu bebo nas fontes, que mostram essa presença, essa área que nós consideramos hoje a Amazônia, que incorpora Colômbia, Bolívia, Peru, Brasil, Equador, Guianas, Venezuela, os diversos países da Amazônia Sul Americana. Tem registro de presença humana de 19 mil anos. Olha a pobreza que é a gente tomar 1492 como referência? Você que usa 1492 como processo civilizatório. Mas de que civilização? A Maia? A Azteca? A Quíchuá? A Aimara? Ou seja, de qual civilização você está falando?

A gente tem uma civilização que se impôs no mundo a partir de 1492 e silenciou diversas humanidades, que de alguma forma nos deixaram de presente alguns “regalos”, como se diz em espanhol. Por exemplo, a Amazônia que chega até os anos de 1970 e 1980 com uma pujança de vida, se você considerar que ali você tem na Amazônia, em cada hectare, cerca de 400 a 700 toneladas de biomassa. Você vai falar de fruto, resíduos, da folha que cai e produz humos. E tem gente que diz que o solo da Amazônia é pobre, mas como o solo é pobre se concentra a mais pujante quantidade de biomassa de qualquer lugar do mundo? O que você chama de solo pobre? É mais uma vez a visão cartesiana. É o solo é pobre se você tirar a floresta. Se você tira a floresta, cai a chuva e tem a tal da lixiviação e lateralização. Mas se eu tirar teus braços você também fica sem ação. Se eu tirar teus olhos você fica cego. Se eu tirar a floresta, o solo fica pobre, mas aquele solo é capaz de sustentar 700 toneladas de biomassa. É porque a gente já chega querendo desmatar. A gente já tem um desmatamento epistemológico anterior ao desmatamento real. A gente já vai querendo chegar e derrubar aquilo tudo. E aí, o solo fica pobre, desnudado, mas se você deixar a floresta aquele solo vai continuar rico.

Quanto a isso, tem experiências fantásticas de caboclos com camponeses do sul do Brasil. Tem um projeto em Rondônia que é o projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado) a mais de 40 anos, que era um grupo de gaúchos, catarinenses, mineiros, ou seja, gente de todo lugar que ocupava a BR 364. Eles derrubavam a mata, usando e o solo decaía a qualidade, e eles iam pra frente, depois pra frente de novo. Um dia chegou um sujeito, um “padreco” e foi perguntar “como a gente vai resolver nossos problemas?” Eles iam desmatando e avançando, com o latifúndio atrás, recolhendo as terras amansadas por eles. Nesse momento eles resolveram perguntar para os caboclos como faziam. O caboclo amazônico, filho de indígenas que estava lá disse “deixa a mata crescer e planta no meio, não faz monocultura”. É isso, os caras fazem desse jeito tem mais de 12 mil anos e trouxeram até nós uma floresta que





chamam de floresta tropical cultural úmida, um conceito que nos deixa meio tontos: floresta tropical cultural úmida, porque aquela floresta tem o dedo do homem. Não quer dizer que foi feita exclusivamente pelo homem, mas foi feita por um homem que soube conviver com o metabolismo da natureza.

Será que isso não nos ensina nada? Isso não é uma pista de saber conviver com a produtividade biológica? Então você vê a riqueza que nos herdamos e que hoje cumpre um papel para o equilíbrio climático do planeta. É uma área imensa que produz a biomassa, um oceano verde. A insolação provoca evapotranspiração e gera nuvens, água que vai ser distribuída pelo Caribe, pelo sul dos EUA, e volta pro sul do Brasil. Isso tudo derivou, ao mesmo tempo, de um processo de convivência, de gente que vive na Amazônia por mais de 19 mil anos.

No Brasil, a datação mais antiga, em Monte Alegre, tem sítio de pedra pintada, inscrições rupestres de 11 mil e 500 anos. Essa floresta estava se conformando depois do fim da última glaciação, e ainda tinha gente lá. Essa floresta coevoluiu para o processo metabólico profundo de energia solar com a água disponível no planeta. Esses processos estão interconectados. A gente sabe que entre 13 e 18 mil anos atrás – é importante trazer esse tempo de larga duração – tivemos a nossa última glaciação. Quando ela avançou, só para vocês terem uma ideia, as calotas polares no hemisfério norte estavam na altura de Nova York e Paris. Tudo para cima era gelo. Quando recuam para as posições atuais, imagina as áreas que ficaram disponíveis. Grande parte da Rússia era coberta de gelo. Ela derrete e vai para a região do circo polar atual, e essa água que estava congelada e não circulava na atmosfera passa a ter outra dinâmica. No planeta o clima era mais seco, na Amazônia você tinha domínio de cerrado. Quando as calotas polares regridem às posições atuais, o mar sobe 100 metros, a água ficou descongelada disponível para circulação e precipitou na Amazônia, e a florestas, plantas e os animais começaram a colonizar a Amazônia como um todo. A partir de certos refúgios. É a famosa teoria dos refúgios do Aziz Ab'Saber.

Isso tudo é um presente de convivência da natureza, de forma cultural que os povos souberam coevoluir com isso tudo. Juntos eles produziam conhecimentos, cultivos. Quem pensa que o Açaí é nativo? Açaí é cultivado. A pupunha? A pupunha é cultivada. Tinha uma sorveteria em Belém nos anos 80 que tinha mais de 120 sabores de sorvete. Eu sempre chamo atenção que sabor é o mesmo radical de saber. Onde está o açaí, onde está bacaba? Biribá? Buriti? De onde são essas plantas? É preciso saber onde elas estão. Esses saberes se transformam em sabores. Então aqueles sabores são saberes, que esses povos nos deixaram, isso não nos ensina nada?

Então, essa reflexão que estou propondo a vocês, é fruto dessa convivência com esses povos, com camponeses, indígenas, quilombolas, esse aprendizado que vão me ensinando, porque são populações que tem uma territorialidade inscrita com outra relação com a natureza, diferente das populações de produção de monoculturas.

Assim temos essa separação “homem-natureza”, em que a natureza virou objeto. Os deuses que povoaram a natureza foram para o céu, para olhar lá de cima. Eu digo que antes de expulsar os camponeses, expulsaram os deuses, os deuses foram para o céu. A natureza ficou dessacralizada, por isso ela pode ser dominada, torturada como dizia o Bacon. O Bacon dizia que nós tínhamos que torturar a natureza para dizer a verdade.

Então você vê, nós temos uma ciência da dominação, daqueles que são proprietários dela. Inclusive são outros homens que ficaram circunscritos a serem trabalhadores manuais. Tenho que obedecer a ordem daquele que comanda, inclusive vai surgir um conhecimento



separado desses trabalhadores, a serviço dessa dominação, no qual esses trabalhadores vão ter que trabalhar.

Vocês percebem a profunda relação entre a questão que a gente chamaria de ecológica e a questão social com uma só questão? Mas tem que reconhecer a dimensão metabólica no qual a sociedade está circunscrita. Isso me parece um conceito fundamental, entender essa ecologia, mas que vai se constituir com o mundo, a partir do século XVI. Nesse período vai acontecendo o processo de dominação patriarcal, forma-se uma ciência dos homens. Uma ciência da dominação, e não do cuidado. Uma ciência que vai se expandir para o mundo, justificando a sua expansão sobre seres que vão chamar habitantes “naturales da América”, e quem são os “naturales”? Eram os índios, eram os selvagens, os da selva. Então, você vai dizer que porque eles são da natureza você também vai exercer a dominação.

É uma ciência, ao mesmo tempo colonial, que vai racializando de uma maneira eurocêntrica a população, desqualificando o conhecimento dos outros. Você não coloniza quem você considera igual. A colonização já se coloca como superior ao outro, e o outro vai ser melhor na medida que deixe de ser esse outro. Parece que eu vou fazer um bem a ele, de fazer com que ele deixe esse ele. Essa dificuldade de conviver com a diferença. Quero anunciar a minha simpatia por uma grande marxista que é a Rosa Luxemburgo. Ela aponta para a luta que a gente tem que fazer é a luta para que todos tenham condições iguais para serem diferentes. Não é diferença sem igualdade, isso é a diferença do pós-modernismo, que fala da diferença sem mexer nas condições em que você é diferente, mas não tem condição de exercer sua diversidade, sua diferença. Então, a ciência, que é a ciência da dominação, que é uma ciência dos proprietários, masculinos, portanto uma ciência patriarcal, que se configura a partir da propriedade privada para acumular capital. Isso faz a natureza ficar a serviço da dominação.

Nesse sentido, eu queria trazer uma informação do Francis Bacon, esse filósofo lá do Renascimento que vai falar sobre a natureza. Ele faz uma distinção entre a ciência e tecnociência, essas duas expressões são dele. Ele disse que a ciência está preocupada com a verdade. Mas ele está preocupado com a tecnociência. A tecnociência se diferiria da ciência, pois ela estaria preocupada com a eficácia da dominação. Aliás, essa expressão da dominação da natureza é cunhada por Francis Bacon. A ciência está a serviço da dominação da natureza e da eficácia.

Mas o que é ser eficaz numa sociedade que está se desenhando e justificando a ideia de acumulação do capital? A ciência que permite aumentar a produtividade para aumentar a acumulação de capital. Então, o Francis Bacon formula e justifica essa dominação da natureza, no qual o conhecimento racional vai exercer a dominação, e essa dominação da natureza é eficaz na medida que aumenta a produtividade. Mas, em uma sociedade na qual a riqueza passa a ser medida por um equivalente de riqueza, um equivalente abstrato que é o dinheiro. E qual o limite do dinheiro? O limite de dinheiro é o limite dos números. Não tem limite. Ou seja, qual o limite da eficácia da dominação da natureza? É o limite dos números, que não tem limite. Isso vai significar uma ideia de riqueza de maneira abstrata, equivalente ao dinheiro, ou seja, você tem dinheiro você pode comprar todas as matérias concretas. Mas a riqueza mesmo, que a sociedade capitalista inverte, não é o dinheiro. Você pode ter todo dinheiro do mundo, mas se você não tiver água? Como falei, quem mata sede é a água. Você pode ter dinheiro, mas se você não tiver a água? A riqueza é água. Você pode até comprar comida, mas você precisa que a comida exista, e não um equivalente em dinheiro, isso é um trabalho abstrato. Essa ideia que vai da concorrência, que vai da velocidade de um tempo que encobre outros tempos com o metabolismo da vida. Essa coisa que Marx vai chamar de rupturas metabólicas, que são matérias que saem de um lugar e não volta para o lugar de origem, onde antes era colocada como adubo



para refertilizar o solo. Agora elas são levadas para tudo quanto é canto do mundo, subordinado a lógica de um tempo abstrato do dinheiro, o tempo da concorrência, o tempo da produtividade.

Isso leva a um processo de transformações profundas, e que implica todo um conjunto de conhecimentos, relacionados às grandes transformações do “mundo mundano” da vida. Isso gera uma tensão, entre essa dinâmica da acumulação e a realidade dos metabolismos da vida e dos tempos das territorialidades dos povos que dançam em ritmos diferentes. Mas essa é a riqueza do mundo. E o capitalismo tem uma enorme dificuldade de conviver com a diversidade. Se não puder instrumentalizar ela para fins de turismo, que é uma maneira de subordinar, em uma lógica também mercantil.

Assim, a gente percebe que essa grande crise, que ao mesmo tempo é uma crise de conhecimento, que é a crise do paradigma, não vai ser resolvida facilmente, pois é como eu digo, os paradigmas não caem dos céus. Os paradigmas são instituídos. E essa é a conexão que nós devemos encontrar. A gente já viu que o conhecimento não está dando conta desse mundo, de resolver esses problemas. Uma coisa é constatar isso, outra coisa é constatar a origem disso tudo. E nessa dinâmica, de acumulação de capital, dessa velocidade que vai desequilibrando o planeta e nos leva a esse momento, de crise do metabolismo, da qual, a pandemia é parte. Na sucessão de problemas como a gripe aviária. A maior parte dessas epidemias são zoonóticas, saltaram do mundo animal para o mundo humano, aliás, nós somos animais também, eles encontraram no nosso corpo uma condição metabólica para encontrar sua vida, em função dos desequilíbrios. A gripe aviária, a gripe suína, e a vaca que ficou louca. Inclusive esse processo de homogeneização genética, a partir das monoculturas, e das fábricas de frango, de porco e de carnes que homogeneizam geneticamente as espécies, e tornam elas muito dependentes de substâncias químicas em um equilíbrio muito instável, muito suscetível de produzir problemas.

Então estamos vivendo um momento de profunda ruptura metabólica, um processo que o capitalismo foi levando até as últimas consequências em um processo de destruição. Então, agora, eu não vou poder mudar o paradigma, sem ver onde está a gênese disso tudo. Esse que é o desafio, tem um grande filósofo mexicano, o Henrique Leff, ele diz que estamos diante de um processo de reapropriação social da vida da natureza. Nós estamos apartados dela, em função da propriedade que priva, que é a propriedade privada.

Então, um curso de pós-graduação como este deve ajudar a gente a aprofundar estes trabalhos, com o intuito de formular um pensamento crítico, que seja capaz de entender, a dinâmica metabólica da sociedade, com parte da trama da vida. A trama da vida produz sociedades distintas, e pode inclusive levar à própria destruição da vida. É disso que a gente está falando, na crise contemporânea e a necessidade de perceber que a dinâmica de destruição é parte do processo, no qual os direitos da natureza e direitos humanos são, na verdade, a mesma coisa. Precisamos resolver isso de uma maneira profunda.

Estamos vivendo um momento instigante. Um grande desafio em que não podemos dizer simplesmente que é um processo em que a espécie humana está destruindo o planeta, como se todos tivessem a capacidade enorme para isso. Temos uma sociedade que a partir da sua regulação social, com base nas relações de acumulação de capital – sob o capitalismo – está levando a um processo de desequilíbrio dos tempos de reprodução da vida, que são diferentes nichos ecológicos. No qual diferentes povos e culturas, que também tem seus próprios tempos, estão sendo subordinados ao tempo de uniformização comum, que é o tempo do capital. Não sei se podemos continuar falando de antropoceno, ou se nós não poderíamos começar a falar de “Capitaloceno”. Talvez a gente chegue mais perto de entender o que está em curso.

Por essas questões eu dei o título dessa conversa de “Antropoceno ou Capitaloceno?” Para que os homens sintam de alguma forma, que alteraram o metabolismo da vida e fizeram



isso, a níveis locais e regionais. O capitalismo instaurou uma espécie de ecologia mundo. Sobre isso o conceito de capitaloceno não se baseia muito naquele momento do final do século XVIII, quando na verdade você passa a ter a revolução industrial, a partir da máquina a vapor, que aumentou enormemente o processo de transformação metabólica da vida, porque você passou a operar com uma energia que estava materializada em fotossínteses, que havia sido sepultada há milhões de anos atrás, sob a forma de carvão e depois de petróleo e gás, que são formas de energia concentradas, que retiravam há milhões de anos atrás, matéria orgânica da atmosfera e ficaram sepultadas. Como gás carbono, “fotossintetizado” pelo metabolismo da vida, foram sepultados como mina de carbono e gás, isso ficou no subsolo e retirou da atmosfera esse gás carbono. Essa atmosfera, muito mais favorável à expansão da vida. São processos da natureza, no qual nós não estaríamos aqui se não acontecesse. Nós somos fruto da natureza. Então o que vai acontecer? A gente descobre que essa molécula de carbono, potencializa a energia – carvão – potencializa a capacidade de realizar trabalho e modificar a matéria, isso como objetivo que não tem limite, para acumular dinheiro. Isso desequilibra completamente o metabolismo da vida, mas, ao mesmo tempo, isso que a gente falou que é muito do século XVIII, a gente começa a achar que o antropoceno é derivado da revolução industrial.

Mas as pessoas têm que ter clareza que a revolução industrial acaba sendo o clímax de uma transformação importante sim, mas de um processo que já estava em curso. Qual processo estava em curso? O processo de constituição do capitalismo, desde o século XVI. Uma vez o Marx usou a expressão que com a máquina a vapor o capitalismo entrou no circuito metabólico da vida, transformando a matéria de maneira mais violenta. Mas é preciso ter clareza também, que no século XVI, tínhamos as plantations de cana de açúcar no Nordeste brasileiro, em Cuba, e no Haiti. Aquele já era uma empresa capitalista, na qual a mão de obra escravizada também era uma mercadoria, que era consumida rapidamente, e após isso, se comprava outra mercadoria, em um sistema que envolveu a África.

Nesse contexto começou a construir um sistema ecológico mundial, que tinha uma conexão chave na América. Foi aqui que as grandes plantações surgiram, grandes plantações capitalistas, os escravismos coloniais que eram uma forma de acumulação de capital. A máquina a vapor vai aprofundar isso, mas é um processo de já tinha sido iniciado. A produção industrial não é a origem do capitalismo, a acumulação de capital já estava em curso como um sistema mundial. Nós produzimos matérias prima para o centro do sistema. Então nós temos uma ecologia mundo. Não podemos separar o centro da periferia. Depois da Revolução Industrial, continuaram explorando as matérias primas. Nós produzimos muito: trabalho que é mão de obra e é energia, produzimos comida que é energia, produzimos matérias primas, que também são energia, e a própria energia para exportação. Sem isso o capitalismo não vive. O capitalismo está sempre em processo de expansão, sempre procurando uma nova fronteira, que o Marx chama de ajustes espaciais, assim o capitalismo vai se expandido, sempre dependendo de estar se expandindo. Qual é a novidade de hoje?

É que nós já temos hoje o aquecimento global, ou seja, não tem pra onde fugir, vai fugir pra onde agora? Qual é a nova fronteira? Nós ainda temos fronteiras, Amazônia, Cerrado, por isso temos que tomar muito cuidado. Onde o capital viu com todos os seus olhos a entrada no cerrado através do mercado agrícola e agora é a fronteira Amazônica que é vista. E depois?

Ainda há possibilidade de reverter esse caminho. É disso que estamos nos defrontando atualmente. E nesse sentido eu sempre tomo como uma referência, a grande manifestação ocorrida no Equador e na Bolívia. Duas grandes manifestações que saíram desses países, da Amazônia, e foram até as capitais, em La Paz, no caso da Bolívia, e em Quito, no caso do Equador. Essas duas tinham a mesma bandeira, a mesma palavra de ordem, pela vida, pela



dignidade e pelo território. Ou seja, a vida nesse sentido, desse conjunto de condições metabólicas que temos direito de viver, de dignidade: me respeite como yanomami, como camponês, como quilombola, “vocês me respeitem pois sou digno, sendo diferente”. Mas ao mesmo tempo, minha diferença não existe só do ponto de vista da cultura, eu preciso do território, que é onde estão as condições materiais. Mas o território é a terra com significação cultural. Ampliaram enormemente o horizonte teórico e político e acabaram escrevendo na constituição do Equador e da Bolívia, a natureza como portadora de direitos. Eles não querem alternativas de desenvolvimento, eles querem alternativas ao desenvolvimento. Ou seja, as suas formas de ser também são dignas de existência.

Hoje costumo dizer que mais que resistir, eles existem com x, e por isso re-existem, apontando que eles podem ressignificar sua própria existência e, ao mesmo tempo, manter uma tradição. Isso mostra a força que eles oferecem à humanidade. São algumas pistas que estão em curso, em vários lugares do mundo, com práticas de agroecologia, prática de saber e viver, com ensaios de mundo em curso. Eu agradeço a atenção e a paciência de ouvir. Obrigado pela atenção.

## NOTAS

1 - Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FFP/UERJ realizada no dia 02/05/2022 de forma virtual em plena pandemia de covid-19. A aula pode ser assistida na íntegra no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=2I4v8hHvR18>

2 - O texto da aula inaugural foi transcrito pelo professor Dr. Gabriel Siqueira Corrêa e revisado pelo professor Dr. Paulo Roberto Raposo Alentejano

3 - Baraka – Um Mundo Além das Palavras (1992); Diretor: Richard E. Robbins. Gênero: "Documentário-musical". Duração: 1 hr. 36 min.

## COMO CITAR ESTE TRABALHO

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Antropoceno ou capitaloceno? A sociedade na trama da vida / a trama da vida na sociedade. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 20, n. 1, p. 10-22, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.85875>. Acesso em: DD MMM. AAAA.